

## **O *Jornal do Povo* no governo Médici<sup>1</sup>**

FERNANDES, Mario Luiz (Doutor)<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/MS  
FERREIRA, Sidnei Carlos Santos Bonfim (Mestrando)<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/MS

**RESUMO:** Este artigo faz um resgate da história do *Jornal do Povo*, do município de Três Lagoas, e o mais antigo em circulação em Mato Grosso do Sul. Nasceu em 1949, criado por um grupo de políticos vinculados ao PSD, depois à Arena e ao MDB. Deu origem ao grupo RCN de Comunicação, o mais importante da região de Três Lagoas. Essas alternâncias partidárias implicaram na adoção de diferentes linhas editoriais como a de total apoio ao Regime Militar entre os anos 60 e 70. O artigo tem como objetivos resgatar parte da história inicial do periódico (edições publicadas entre 1949 e 1970 foram perdidas) e a forma como apoiou o novo regime durante o governo de Emílio Garrastazu Médici. Trata-se de uma investigação descritiva fundamentada em pesquisa documental e em entrevista.

**Palavras-chave:** História da imprensa; Três Lagoas; *Jornal do Povo*; Imprensa de Mato Grosso do Sul.

### **Introdução**

Localizado a leste de Mato Grosso do Sul, o município de Três Lagoas é o terceiro mais populoso do estado e detém expressivos indicadores econômicos. Antes habitada pela tribo indígena *Ofaié*, aquela região recebeu várias expedições de bandeirantes paulistas a partir de 1829, até iniciar sua colonização na década de 1880 por Luís Correia Neves Filho, Antônio Trajano dos Santos e Protásio Garcia Leal. Em 15 de junho de 1915 tornou-se vila e já em 8 de agosto do mesmo ano ascendeu ao *status* de município, emancipado de Paranaíba.

No território que compreendia o estado de Mato Grosso até 1977, Três Lagoas foi o sétimo município a ter jornal próprio<sup>4</sup>. Para Estevão de Mendonça (1963), depois

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT de História da mídia impressa, integrante do 9º Encontro Nacional de História da Mídia, 2013.

<sup>2</sup> Professor do curso de graduação em Comunicação/Jornalismo e coordenador do Mestrado em Comunicação da UFMS.

<sup>3</sup> Mestrando em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

<sup>4</sup> Lançado em Cuiabá, pelo então presidente da província, José Antônio Pimenta Bueno, em 14 de agosto de 1839, o semanário *Themis Mattogrossense* foi o primeiro jornal de Mato Grosso. Na sequência, conforme cronologia de Mendonça (1963), os primeiros jornais dos respectivos municípios foram os seguintes: Corumbá (*O Iniciador* – 1877), Nioaque (*A Voz do Sul* – 1894), Cáceres (*Progresso* – 1894),

de Cuiabá, Corumbá e Campo Grande, Três Lagoas registrou o maior desenvolvimento da imprensa do estado. Essa performance parece que acompanhou o potencial econômico que o município já começava a pronunciar no início do século XX.

Mendonça assinala que o primeiro jornal local foi a *Gazeta do Comércio*, lançada a 4 de setembro de 1919 pelo poeta Elmano Soares e teve como primeiro redator Bernardo Bica. Porém, em seu livro, reproduz artigo do jornalista Noginel Pegado, publicado originalmente na mesma *Gazeta do Comércio* em 12 de outubro de 1955 e comemorativo aos 36 anos daquele jornal. No artigo, o jornalista faz um retrospecto da imprensa local e cita a *Gazeta de Três Lagoas* como o primeiro jornal da cidade e que circulou de 19 de dezembro de 1915 até 1920. Era dirigido pelo próprio Noginel Pegado, Graça Leite e Antônio Marques. Esse testemunho suscita maior confiabilidade quanto à data exata do início da imprensa em Três Lagoas, já que é prestado pelo próprio pioneiro da imprensa local e com certos pormenores de dados. A se considerar a informação de Pegado, a imprensa de Três Lagoas nasceu juntamente com a criação do próprio município.

Ainda conforme o artigo, em 1º de outubro de 1916 foi lançado o *Tesoura*, que se apresentava como “mordaz, alegórico e arengueiro” e tinha como “comandante J. Guimarães, piloto N. Guimarães e comissário J. Souza”. Na sequência, em maio de 1918, surgiu *A Comarca*, sob a direção de N. Pinheiro da Silva. O ano de 1919 foi fértil para a imprensa local: foram lançados *A Notícia* (junho), dirigida por Generoso de Siqueira; *A Polyanthea* ( número único) em homenagem a Dom Aquino Correa; *Gazeta do Comércio* (12 de outubro), sob a direção de Elmano Soares; *O Municipal* (9 de dezembro), de Acácio de Castro.

Noginel Pegado enfatiza que a *Gazeta do Comércio* inaugurou nova fase no jornalismo de Três Lagoas, pois Elmano Soares, vindo de São Paulo onde atuou em vários jornais, “era um profissional completo e infelizes dos que caíssem na ponta de sua pena afiada e invencível” (*Apud.* MENDONÇA, 1975, p. 77). O jornal foi editado até meados dos anos 60, uma trajetória de mais de 21 anos.

Flora Thomé, em sua *Antologia dimensional de poetas treslagoenses*, informa que a *Gazeta do Comércio* foi lançada um ano depois, em 10 de outubro de 1920, por Elmano Soares e Bernardo de Oliveira Bicca, como o “primeiro jornal semanal do então estado de Mato Grosso”. É possível que Mendonça (1963) tenha considerado o

---

Poconé (*Cidade de Poconé* – 1912), Campo Grande (*O Estado de Matto Grosso* – 1913), Bela Vista (*O Apa* – 1914), Ponta Porã (*Ponta Porã* – 1914), Três Lagoas (*Gazeta de Três Lagoas* – 1919).

semanário como o primeiro jornal em razão de sua periodicidade regular já que os demais podem ter sido editados com periodicidade variada. Outra hipótese é a de que Mendonça possa ter mencionado equivocadamente o primeiro jornal ao invés de o primeiro jornal semanal.

Thomé (1983, p. 196) acrescenta ainda que “través de sua maneira polêmica e politizada de escrever, Elmano Soares sofre perseguição política por seus artigos, tendo de se afastar de seu jornal e de Três Lagoas algumas vezes para preservar sua vida. O jornal, no entanto, torna-se um dos mais respeitados na região”.

Esta breve contextualização, serve para inserir o *Jornal do Povo*, objeto desse artigo, no cenário da história da imprensa de Três Lagoas. Lançado em 1949 por um grupo de políticos ligados ao PSD (Partido Social Democrático), todo seu acervo desde sua data de fundação até 1971, foi perdido. Por esta razão, a história registrada aqui será focada principalmente entre 1971 e 1981, tendo como base a pesquisa documental das edições do período e entrevistas com os que vivenciaram parte dessa história. O período anterior a 1971 foi parcialmente resgatado a partir de artigos publicados no jornal na década de 70.

Para melhor compreensão dos 64 anos do *Jornal do Povo*, dividimos sua trajetória em três fases marcadas notadamente pela troca de proprietários e de sua linha editorial. Na primeira (1949/46 a 1963), foi propriedade de integrantes do PSD e seguiu as diretrizes politico-ideológicas do partido. Na segunda (1963 a 1991), teve como donatário o político e intelectual Stênio Congro, também militante do PSD e posteriormente da Arena (Aliança Renovadora Nacional) e do MDB (Movimento Democrático Brasileiro). A terceira e atual fase, inicia em 1991, como propriedade de Rosário Congro Neto, filho de Stênio, e que iniciou a carreira política na Arena, passou pelo PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) e atualmente é filiado ao PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira).

### **1ª Fase: um jornal de partido**

O *Jornal do Povo* nasceu como um jornal de partido. “Foi fundado por uma equipe do Partido Social Democrático, com o fim exclusivo de colaborar com a administração municipal, em prol dos interesses locais”. A afirmativa é de Marcolino Carlos de Souza, o Totó, prefeito de Três Lagoas entre novembro de 1947 e janeiro de 1951, e um dos fundadores do periódico. Está contida na saudação pelos 25 anos do

jornal, publicada em 20 de junho de 1971 no próprio *Jornal do Povo*. Na mensagem, Marcolino alinhava ainda a estreita sintonia entre o jornal e seu principal fundador:

Foi ele lançado de acordo com a orientação do Senador Filinto Muller, e como Filinto Muller, ele tem vicissitudes várias, com dias claros, dias sombrios e, como seu patrono, mantendo sua linha de honestidade, de trabalho, de solidariedade humana. Que Stênio Congro prossiga na mesma linha reta, são os votos deste fundador. Marcolino Carlos de Souza – Totó.

Rosário Congro Neto<sup>5</sup>, filho de Stênio, acrescenta que o senador pediu às lideranças do partido que fundassem um jornal em Três Lagoas, um em Campo Grande e outro em Cuiabá. No caso do *Jornal do Povo*, todos os cotistas “eram filiados ao PSD e formavam praticamente o diretório municipal do partido”, ressalta Congro Neto observando que apesar de Filinto Muller ser o inspirador da proposta, não foi acionista do jornal. Uma impressora alemã de 1913, bancada de tipos, guilhotina e outros equipamentos compunham a gráfica. O jornal nascia mensal, com cerca de mil exemplares, quatro páginas e sua oficina instalada à rua Antônio Trajano, onde atualmente funciona a agência do banco HSBC.

Desde então, o binômio Filinto Muller-*Jornal do Povo* é indissociável. Ao longo das décadas, mesmo depois de morto, o político foi laureado com inúmeros artigos de páginas inteiras no jornal. Em 15 de agosto de 1973, um mês após sua morte, artigo de capa assinado pelo então do ex-deputado federal Philadelpho Garcia, traz como título: Filinto, mesmo depois de morto, ainda trabalha por Mato Grosso. O autor chama o senador de seu “segundo pai”.

Nascido em Cuiabá em 1900, Filinto foi militar e político influente no país e em Três Lagoas. Foi um dos fundadores do PSD em 1945 e em 1946 estava em campanha pela sua primeira candidatura ao Senado, nas eleições que ocorreriam em janeiro de 1947. Foi eleito e reeleito em 1954 e 1962.

Extinto o PSD, Filinto Muller se filiou a Arena, sendo seu presidente entre 1969 e 1973, se reelegeu senador pelo partido em 1970 e assumiu a presidência do Senado em 1973. Ao ingressar na Arena, levou consigo muitas lideranças e famílias tradicionais trêslagoenses, entre elas os dirigentes do jornal e a consequente a mudança da linha editorial do periódico. Faleceu em julho daquele ano, vítima de acidente aéreo em Paris.

---

<sup>5</sup> As informações inseridas neste artigo prestadas pelo atual diretor-presidente do grupo RCN foram concedidas em entrevista realizada em 20/04/2013.

A lista dos sócios fundadores do jornal era composta por: Philadelphio Garcia, Albino Pereira da Rosa, Carlos Vandoni de Barros, Marcolino Carlos de Souza, Venina de Queiroz Neves, Elvio Mário Mancini, Eurydice Chagas Cruz, Evaristo Mariano Rodrigues e José Carlos de Souza, o Bitão. (*JORNAL DO POVO* 11/07/1980). Esta mesma edição, comemorativa aos 31 anos do jornal, assinala ainda que a empresa jornalística foi registrada na Secção Comercial em 1949.<sup>6</sup>

Texto de três páginas, publicado na milésima edição em 25 de agosto de 1971, faz um tributo a Lélío Almeida, diretor gráfico do jornal entre 1953 e 1963. Lélío ingressou no jornal em 1951, aos 22 anos de idade. No mesmo ano nascia a *Folha da Imprensa*, em Campo Grande, também sob “inspiração” de Filinto Muller e Philadelpho Garcia, este último articulando sua primeira candidatura a deputado federal, cargo para o qual foi eleito em 1950 e reeleito em 1954 e 1958.

Intitulado *Lélío Almeida – um homem honrado*, assinala que Natalino Potumati foi o montador e primeiro gerente. Tinha como diretores o capitão Oscar Ferreira Botelho e Acylino da Costa (este último, diretor responsável e que foi sucedido pelo professor Manoel Barcelos); como redatores, Manoel Garcia de Souza, Elviro Mancini. O juiz Carlos Garcia de Queiroz foi um dos colaboradores. Waldomiro Pimenta Queiroz, João Leocádio e José Rodriguez (impressor) também fizeram parte da equipe.

Em 1953, Lélío Almeida<sup>7</sup> assumiu a gerência comercial e permaneceu na função até 1963. Teve como aprendiz Waldemar Cunha, que após atuar por anos no jornal, foi eleito vereador no início da década de 70. Segundo o mesmo texto (25/08/1971).

A obrigação de Lélío de Almeida, que fazia funcionar uma precária gráfica, [...] para com o antigo Partido Social Democrático, era a de fazer ‘rodar’ o Jornal, todos os sábados ou domingos, trazendo a palavra de ordem da chefia do Partido a seus partidários e difundindo o noticiário normal de uma imprensa semanal.

---

<sup>6</sup> Conforme o *Jornal do Povo* (11/07/1980), o registro da empresa é datado de 14 de julho de 1949 sob o nº 105, folhas 28 e 29 do livro nº 5 da Secção Comercial, anexada à Coletoria Estadual de Três Lagoas.

<sup>7</sup> Após sua saída do jornal em 1963, Lélío Almeida “ergueu um quasi (sic) império no mundo gráfico da Região que abarca desde Araçatuba até Campo Grande, onde possui (sic) alguns poucos competidores. Suas atividades se estendem (sic) até a Ilha Solteira, pois, domina, em grande parte, os setores das maiores Empresas construtoras, antes, das obras de Jupia e agora, daquela Ilha”. (*JORNAL DO POVO*, 25/08/1971). Esse “quase império” era a Lélío Gráfica, para a qual logo foi adquirida mais uma impressora Catu e em 1964 duas automáticas, financiadas pelo Banco do Brasil. Em 1971, a gráfica dispunha de quatro máquinas de porte, fora outras de menor porte. Havia adquirido a gráfica Vitória, de Andradina, e no início dos anos 70 havia construído sua sede própria em Três Lagoas, um prédio com 420 metros quadrados e próximo ao antigo Mercado Municipal, na rua João Carrato esquina com a avenida Olinto Mancini. No início dos anos 70 a gráfica empregava mais de 120 funcionários.

O jornal nasceu em uma época em que expressiva parcela da imprensa brasileira não escondia sua cor partidária. Mais do que isso. Muitos jornais eram criados pelos próprios partidos para propagarem seus ideais. Vinham na vertente da imprensa francesa do século XVIII que ajudou a fomentar os ideais da Revolução de 1789. Ou seja, um jornalismo de causa, que nascia com propósitos políticos.

Foi neste contexto, apenas para citar dois exemplos ocorridos no estado, que integrantes da UDN (União Democrática Nacional) criaram o *Correio do Estado*, em 1954, em Campo Grande; e os do PSD fundaram *O Progresso*, em 1951, em Dourados. Os dois partidos, criados em 1945 juntamente o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), foram as três principais forças políticas do país até 1965, quando foram extintos pelo Ato Institucional nº 2 instaurado pelo regime militar. Levantamento realizado por Agostinho (2009) revela o equilíbrio de forças entre o PSD e a UDN no Legislativo de Mato Grosso: nas eleições de 1947, 1950, 1954 e 1958, o PSD elegeu 48 deputados e a UDN 50, totalizando 98 parlamentares das 120 vagas disponíveis.

De caráter liberal-conservador e agregando principalmente ex-interventores do governo federal nos estados, além de industriais, banqueiros e comerciantes, o PSD foi articulado sob os auspícios de Getúlio Vargas e com o PTB formou o bloco pró-getulista fazendo oposição à UDN, antigetulista. O PSD elegeu dois presidentes da República – Eurico Gaspar Dutra (1945) e Juscelino Kubitschek de Oliveira (1955) – e durante sua existência foi majoritário na Câmara dos Deputados. Após sua extinção, parte de seus integrantes migraram para o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), de oposição, e outros para a Aliança Renovadora Nacional (Arena), o partido que apoiava o regime instalado em 1964. Em ambas as legendas, os ex-pessedistas se organizavam como alas à parte, em sublegendas.

O PTB era alinhado mais à esquerda. Fundado com a participação de Getúlio Vargas, tinha como base os sindicatos controlados pelo governo e, entre outros objetivos, o de frear a influência do Partido Comunista junto à classe trabalhadora. Elegeu Getúlio em 1950, quando este iniciou sua fase de governo democrático.

A UDN reunia principalmente latifundiários e se constituiu na principal força conservadora, defensora do liberalismo tradicional. Em Mato Grosso, predominou na Assembléia Legislativa e como apoiadora do golpe militar teve expressiva participação no governo após 1964.

## **2ª Fase: um jornal do regime**

No final de 1962, o *Jornal do Povo* estava às voltas com o apoio a mais uma candidatura a prefeito de Três Lagoas. O então promotor público Stênio Congro era secretário do PSD e segundo seu filho Rosário Congro Neto, “[...] por uma determinação do Partido Social Democrático foi designado a ele (Stênio) a missão de editar o jornal”. Era candidato e foi eleito pelo partido, para o quadriênio 1963/1967, o juiz de paz e dentista João Dantas Filgueiras<sup>8</sup>. Passada a eleição, Stênio tomou gosto pelo jornal e continuou a editá-lo.

Em 1963, Stênio acabou assumindo a direção geral e Waldemar Cunha a direção comercial. Rosário Congro Neto explica que seu pai “era o único que desfraldava a bandeira de manter o jornal vivo e então os outros companheiros foram transferindo as cotas graciosamente.” Nesta nova fase, o professor Benedito Costa era redator e revisor. O capitão Oscar Ferreira Botelho, o responsável pelas assinaturas que eram a base de sustentação do jornal já que a publicidade não era tão expressiva como nos dias atuais.

O clima político era tenso no país desde a renúncia do presidente Jânio Quadros em agosto de 1961 e o breve período parlamentarista entre setembro de 1961 e janeiro de 1963. A posse de João Goulart não foi o suficiente para acalmar os ânimos e em 31 de março de 1964 o Regime Militar se impõe à nação. O *Jornal do Povo* deixa de ser um porta-voz do PSD, que seria extinto em 1965 por força do Ato Institucional nº 2, para se tornar um jornal vinculado a Arena e de apoio ao novo regime. E assim o foi até quase final da década de 70.

O pós ter ficado seis meses fora de circulação, o *Jornal do Povo* retorna às atividades em 15 de junho de 1971. Renasce nas comemorações do 56º aniversário de Três Lagoas. Era agora um trissemanário, com média de dez páginas, 3 mil exemplares e com “grande penetração em todo o Estado de Mato Grosso”. Tinha oficina própria localizada na avenida Eloy Chaves, esquina com a rua 2 de Julho. O preço do exemplar avulso era Cr\$ 0,30 e a assinatura Cr\$ 50,00. Na capa, fotos do governador José Fragelli e do senador Filinto Muller, além das chamadas da matéria sobre o novo corregedor do Ministério Público Estadual, Moacyr Perry, e sobre o industrial Miguel Tabox.

No dia 20, traz um longo texto apresentando o novo redator-chefe e responsável pela área comercial, Fausto Pepe, “homem leal e franco; avançado na idade, mas,

---

<sup>8</sup> Em 1964, foi afastado do cargo pelo regime militar e substituído por Patrocínio de Sousa Marinho. Foi reconduzido ao cargo pelo regime em dezembro do mesmo ano. Candidato único, foi reeleito em 1969.

sempre jovem nas suas atitudes”.<sup>9</sup> Assinala que o jornal nasceu sem “tarimba, sem apoio financeiro, mas cheio de confiança e sonhos” e anuncia que no mês seguinte seria inaugurado o novo parque gráfico. Relata ainda a dificuldade que era fazer um jornal interiorano na década de 70 e justifica a necessidade da ajuda que recebia de empresários e do governo do estado:

Muitos nos deveriam ter ajudado, na parte material e de colaboração, mas não o fizeram, outros nos ajudaram, em certa época materialmente com uma contribuição mensal como Eucário Freire, José Carlos de Souza e João Azambuja. Mais tarde, recebemos uma ajuda mensal do Governo Pedrossian, pelos seus órgãos superiores que nos tributavam Cr\$ 300,00 mensais e após, Cr\$ 500,00 que era(sic) entregues, religiosamente, nas mãos de Waldemar Cunha, o popular Serrinha e após durante poucos meses, até dezembro pp. aos dois rapazes responsáveis, na edição semanal, pagando-se, daí, ainda, os alugueres mensais. (*JORNAL DO POVO*, 20/06/1971).

O artigo atesta a dependência financeira do jornal com os poderes estabelecidos para assegurar sua sobrevivência e sinaliza que a falta de recursos pode ter sido a causa do fechamento no início de 1970. O mesmo artigo assinado por Stênio Congro – usando as iniciais S.C. – não deixa dúvidas sobre qual era o posicionamento editorial sob a sua administração: o de apoio ao regime militar. O último parágrafo sentencia:

De uma coisa, pedimos que, estejam certos, os nossos amigos treslagoenses: seremos intransigentes defensores da REVOLUÇÃO DE MARÇO DE 64, e para tudo que diga respeito à fase que engrandeceu e irá agigantar o BRASIL, para imediato futuro, nós daremos o melhor dos nossos esforços, dedicação e lealdade, e o Governo estadual, dignamente representado pelo Governador FRAGELLI, terá, também, nesta trincheira democrática, o nosso apoio, o nosso respeito e a nossa vontade livre e tranquila de refletir, e estampar, pelas colunas do JORNAL DO POVO, o que S. Excia, o governador, irá fazer, estamos certos, pela grandeza do povo e terra matogrossenses. (grifos em maiúsculo do jornal). (*JORNAL DO POVO*, 20/05/1971).

Essa dependência política e financeira se refletiram em suas páginas na década de 70, apesar de destacar no alto da capa como “Órgão Independente e Noticioso”. Suas edições apresentam fortes traços de um jornal oficial, em muitos momentos até mais de

---

<sup>9</sup> Conforme o *Jornal do Povo* (20/06/1971), Fausto Pepe já havia atuado como revisor da Imprensa Oficial do Estado; em 1928 atuou em Três Lagoas, na *Gazeta do Comércio*; entre 1929 e 1931, no jornal *A Ordem*, editado em Paranaíba, sob a administração do coronel Gustavo Rodrigues; também atuou nos jornais *O Arquivo* e *Correio do Sul*, este um semanário dirigido pelo coronel Antero Paes de Barros; e antes de retornar a Três Lagoas, estava no diário carioca *A Noite*.



conotação militar do que político-partidária. Não menciona nomes de opositores ou adversários, sejam do próprio jornal ou da corrente partidária que ele defende.

Mensagem saudando o retorno do periódico assinala a falta de jornais em Três Lagoas, quando do seu nascimento, e a dificuldade em se editar um jornal do interior.

O *JORNAL DO POVO* iniciou suas atividades há 25 anos, com o nobre objetivo de preencher uma grande lacuna, representada pela falta de imprensa em nossa cidade e região. A incúria ou a incapacidade de muitos tinham feito calar para sempre a imprensa treslagoense, com o desaparecimento da "Gazeta do Comércio", naquela época um dos melhores jornais do interior, tanto na sua parte técnica como na parte redatorial. Era preciso que alguém se levantasse. E levantamos nós com a coragem e com o idealismo e conseguimos fazer ainda a mão, hoje, transformado para tri-semanário e dentro de mais um pouco em o primeiro diário de nossa Região. Cremos ser essa a primeira aventura na história da imprensa treslagoense e brasileira. Iremos fazer nós, com as mãos dos nossos abnegados tipógrafos.

Das 20 páginas da edição, 12 eram de publicidade, cinco delas com anunciantes de página inteira (Sesi, empresário Miguel Tabox, Posto Cinquentenário, Cooperativa Agro-pecuária Mixta do Vale (Paranaíba) e Câmara de Vereadores). Cinco páginas apresentavam as obras e ações do então prefeito João Dantas Filgueiras. Notas sociais sobre baile com Agnaldo Rayol e show com Roberto Carlos marcavam a programação de aniversário do município que contava agora com 70 mil habitantes, contra os 32 mil registrados na década de 60.

Em artigo assinado, Aldo de Queiroz dá as boas vindas ao retorno do jornal e critica jornais da época chamando-os de unicéfalos (Que difunde a ideia de um só indivíduo). Por outro lado, argumenta sobre as dificuldades da pequena imprensa e justifica que “a subsistência de um jornal no interior, sem proteção de partido político, tornou-se muito mais difícil”.

A partir de 20 de junho de 1971, traz no alto da página o nome de Filinto Muller como o fundador do jornal. A milésima edição comemorativa aos 25 anos do jornal e circula em 25 de agosto. Traz na capa a foto em destaque do senador Filinto Muller e do duque de Caxias, que comemora o Dia do Soldado. Mensagens do deputado Batista Ramos (presidente da Arena), do governador José Fragelli e do chefe da Casa Civil do Estado, João Arinos, completam a capa. Em 15 de novembro, um novo projeto gráfico com cores nos tipos da capa.

A partir de janeiro de 1972 o expediente assinala que o jornal foi fundado em

1946 e está registrado em cartório de títulos e documentos sob o número 54 às folhas 101 do livro A/1. Em maio, dá como destaque na capa o desligamento do jornalista Fausto Pepe e o jornal passa a circular as quartas e sábados. Ainda naquele mês, passou a trazer na capa coluna intitulada *Fato em foco*, que faz a função de editorial, quase sempre com posicionamentos e análises contundentes sobre temas variados.

Em 12 de julho, o destaque da capa é mais um o editorial sobre as dificuldades da imprensa e o pedido de ajuda financeira ao governador Fragelli, por meio do deputado Ronald Albaneze (Arena). Uma semana depois, o editorial anuncia que Três Lagoas não teria mais prefeito eleito pelo voto direto, já que o município havia se tornado zona de segurança nacional devido as suas hidrelétricas. O novo prefeito seria escolhido pelo governo federal a partir de uma lista tríplice. Em setembro, noticia que Três Lagoas (21.050) estava entre os 13 municípios que ultrapassaram a 20 mil eleitores e com isso passariam a ter 13 vereadores. Na capa do dia 27 daquele mês, a foto de Stênio Congro em campanha para reeleição como vereador: “Reeleja Stenio Congro o vereador que Três Lagoas precisa”.

Janeiro de 1973 inicia com Benedito Costa como o novo redator. Stênio Congro agradece a votação recebida como vereador. Inicia a publicação da coluna Cantinho da Mulher, ocupando dois terços de página e assinada por JSC. Capa do dia 14 traz em destaque o governador José Fragelli e Petrônio Portela, presidente do Senado.

Ainda em janeiro, registra um entrevero entre pedessistas e udenistas. Editorial de capa critica “politicoides” que haviam prometido a prefeitura a um “pretendente”. E adverte: “O tempo do caciquismo político já terminou há muito e temos a obrigação de acompanhar a evolução e o ritmo desenvolvimentista do país. Hoje, somos área de Segurança Nacional e teremos prefeito nomeado por aprovação dos altos escalões estadual e federal e não por politiquieiros de esquina ou semelhantes”.

A crítica é uma forma de apoio a Hélio Congro, irmão de Stênio, que assumiria como prefeito nomeado em 10 de fevereiro de 1973. Ele substitui Irman Ferraz Corrêa, presidente da Câmara de Vereadores, que exercia interinamente a função de prefeito. Na edição do dia seguinte, editorial e matéria que buscam legitimar a posse de um prefeito nomeado: “Se um prefeito eleito diretamente pelo povo pode muitas vezes tergiversar em favor deste ou aquele procurando quase sempre satisfazer questões políticas e partidárias, um prefeito indicado pelos mais altos escalões da administração jamais poderá fazê-lo”. A partir de então, o jornal publica em várias edições, no rodapé da capa e depois em páginas internas, a coluna intitulada Semana do Prefeito, estampando

também o brasão da prefeitura.

Em 31 de março de 1973, aniversário do regime, a coluna *Fato em foco* (editorial) faz um resgate histórico do mesmo, assinalando:

Sem medo de errar podemos afirmar que a Revolução que eclodiu em março de 1964, teve seu início em já em 1961, quando o então Presidente Jânio Quadros, de maneira insólita e inesperada condecorou o líder comunista cubano (de origem argentina) Ernesto ‘chê’ Guevara, com a mais alta Condecoração do Nosso País – a Ordem do Cruzeiro do Sul. Essa atitude, que deixou em suspenso o povo brasileiro e abalou profundamente as nossas mais sagradas instituições, viria mais tarde se transformar nas ‘forças ocultas’ que levaram Jânio à renúncia e sua consequente substituição por João Goulart. Mas nem isso serviu para alertar João Goulart.

O mesmo editorial acrescenta que “o próprio Presidente era acusado de esquerdista, de fomentar corrupção administrativa e insuflar a insubordinação nas Forças Armadas”. O texto é acompanhado de fotos dos três primeiros presidentes militares: Emílio Garrastazu Médici (ao centro), Castelo Branco e Costa e Silva.

Em junho de 1974, o presidente Garrastazu Médici é destaque em três capas especiais da mesma edição. Por outro lado, na mesma edição, é anunciado em pequena nota a definição do general Ernesto Geisel como sucessor de Médici. Em setembro, nas comemorações do Dia da Independência, três grandes fotos acompanhadas das respectivas legendas: D. Pedro (O Libertador), Médici (presidente da República) e José Bonifácio (O Patriota). 1822 – 1973; “O Brasil merece o nosso amor”.

A partir de 1975, que será objeto de outra pesquisa, percebe-se um apoio menos extensivo ao governo de Ernesto Geisel nas páginas do *Jornal do Povo*. Parece iniciar naquele período uma cisão com a Arena que se concretizaria no final da década de 70. Rosário Congro Neto explica que seu pai, quando jovem, teve formação militar na Escola Preparatório de Cadetes, em Porto Alegre. “Isso teve uma influência muito grande na vida dele e até porque o Exército Brasileiro foi um dos pontos que construiu a história do Brasil. Uma instituição que é muito ativa na história do Brasil”, acrescenta.

Em sua explanação, transparece o processo de transição de Stênio Congro da Arena para o PMDB:

Meu pai, naquela época, tinha posição política alinhada a da Arena e do senador Filinto Muller. Mas com o passar dos tempos, meu pai verificou alguns equívocos, ele mesmo reconheceu alguns exageros praticados sobre a égide de um Movimento Revolucionário de 1964. Uma vez comprei um livro do Hélio Gaspari e falei: pai, gostaria que

o senhor lesse. Esse livro era nada mais nada menos que o arquivo do Marechal Golbery. O senhor vai ver os descaminhos. Se houve uma parte de sucesso econômico, sobre a parte dos Direitos Humanos houve um descaminho muito grande. Mas como naquela época a imprensa não repercutia tanto quanto hoje, porque hoje com as redes sociais, com a internet, tudo é instantâneo. Se tivesse isso naquela época, não teria tido um movimento como aquele de 1964.

Stênio Congro trazia como herança familiar um forte lastro político. Seu pai, Rosário Congro, era filho de imigrantes italianos, nasceu na capital paulista em 1884, e passou a infância e adolescência em Sorocaba. Chegou a Corumbá (MS) em 1907, como caixeiro viajante. Casou-se com Judith Varejão, em Laguna (SC).<sup>10</sup> Após retorno a Corumbá, iniciou sua carreira política como vereador em 1914. Foi deputado estadual por três legislaturas e intendente nomeado de Campo Grande de 09/1918 a 09/1919.

Mudou-se para Três Lagoas em 1921, onde inicialmente trabalhou como inspetor da Feira de Gado. Mais tarde, tornou-se advogado. Em 10 de julho de 1941, foi nomeado prefeito de Três Lagoas. Em outubro de 1945, com o fim do Estado Novo, Rosário Congro foi afastado da prefeitura e substituído por Júlio Mário Abbot de Castro Pinto. Em seguida retornou ao cargo eleito pelo povo, mas logo o transferiu a Marcolino Carlos de Sousa, que governou de 1947 a 1951.

Foi literato<sup>11</sup> e o primeiro historiador<sup>12</sup> de Campo Grande. Entre outros cargos públicos, foi ministro do Tribunal de Contas e presidiu o Tribunal de Contas de Mato Grosso. Faleceu em Três Lagoas, em 11 de outubro de 1963, aos 79 anos. Segundo Pereira (1919, p. 5), “Rosário Congro não acumulou bens materiais. Nos derradeiros anos de sua vida faltou-lhe a visão física, o que limitou sua produção literária.”

Assim como o pai, Stênio teve uma trajetória política expressiva em Três Lagoas. Foi prefeito, vereador e deputado.

---

<sup>10</sup> O casal teve seis filhos: Jurema, Flávio, Eduardo, Judith, Stênio e Hélio.

<sup>11</sup> Escreveu obras literárias em prosa e verso: Inaiá (1940), Torre de Marfim (1948), Sombras do Ocaso (1953), Antes de Raposo Tavares (1954), Colunas Partidas (1955), Outras Ruínas (1957), Últimos Caminhos (1963); e, como obras póstumas: Poesias - Coletânea (1984) e Prosa Coletânea (1984). Foi membro da Academia Mato-grossense de Letras e da Associação de Imprensa Mato-grossense, além de patrono da cadeira de número 16 da Academia Sul-mato-grossense de Letras. Segundo Eurípedes Barsanulfo Pereira (1919, p. 5), seu biógrafo, “pelo denodo com que fez jornalismo, fez-se um autor disputado pela sensibilidade de seus artigos”.

<sup>12</sup> Em 1919, publicou o primeiro relato histórico de Campo Grande, tornando-se o primeiro historiador do município. Posteriormente, foi membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

## Considerações finais

Conforme ficou demonstrado ao longo deste artigo, o *Jornal do Povo* manteve um declarado e explícito discurso favorável ao Regime Militar, pelo menos até fins dos anos 70. Durante o governo de Emílio Médici, esse discurso foi ainda mais acentuado. Esse processo ocorreu em razão dos dirigentes da organização jornalística estarem não só filiados, mas também atuando como militantes e disputando cargos eletivos pelo partido político que deu sustentação ao novo regime, a Arena.

Ao longo de sua história, pelos menos até o início dos anos 90, o jornal esteve vinculado a diferentes grupos políticos, iniciando pelo PSD, passando pela Arena e PMDB, e chegando ao PSDB. Em cada uma dessas fases o jornal defendeu extensivamente as respectivas cores partidárias. No início dos anos 70, em muitas edições esse discurso tinha conotação até mais militarista que partidária. Grandes clichês de Duque de Caxias, currículo e fotos de militares na capa são elementos desse discurso.

O presidente Médici também recebeu generosas matérias e fotos de capa. Colunas com as atividades e ações do Incra, de Ministérios, entre outros, expressam o pleno apoio ao governo federal. No âmbito estadual, o governador Fragelli era personagem frequente nas capas e páginas internas.

A estratégia discursiva em relação à imprensa concorrente ou aos adversários políticos era o quase total silêncio. Os nomes dos mesmos eram ignorados, não eram citados nem em matérias ou artigos rebatendo críticas dos mesmos. Nestes casos, eram citados como “unicéfalos” ou “politicóides”.

## Bibliografia

- AGOSTINHO, Pedro Antônio. *Relações de poder no sul de Mato Grosso-uno (1945-58)*. Disponível em <http://www.perfilnews.com.br/artigos/relacoes-de-poder-no-sul-de-mato-grosso-uno-1945-58>. Consultado em 30/04/2013.
- CALHAO, Antônio Ernani Pedrosa; MORGADO, Eliane M.; MORAES, Sibebe. *Imprensa periódica mato-grossense 1847 – 1969*. Cuiabá: Editora UFMT, 1994.
- COSTA e Silva, Paulo P. e FERREIRA, João Carlos F. *Breve História de Mato Grosso e de seus Municípios*. Cuiabá, 1994.
- CONGRO, Rosário. *O município de Campo Grande – Estado de Mato Grosso*. 1919.
- JUCÁ, Pedro Rocha. *Exemplo e Palavra de Jornalista. Em memória do jornalista Archimedes Pereira Lima*. Cuiabá, Editora Memórias Cuiabanas, 1995.
- \_\_\_\_\_. *A Imprensa Oficial em Mato Grosso*. Cuiabá: Imprensa Oficial do Estado, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Personalidades da História de Mato Grosso*. Cuiabá: Editora Memórias Cuiabanas, 1987.

- MENDONÇA, Estevão. *Datas Mato-grossenses*. v.1 e 2. rev. e atual. Goiás: Editora Rio Bonito, 1973
- MENDONÇA, Rubens de. *História do Jornalismo em Mato Grosso*. Cuiabá, 1963.
- \_\_\_\_\_. Rubens de. *Nos bastidores da história mato-grossense*. Cuiabá: UFMT, 1983.
- PÓVOAS, Lenine C. *História de Mato Grosso*, Cuiabá, 1985.
- \_\_\_\_\_. Lenine C. *Na Tribuna da Imprensa*. Cuiabá, 1987.
- \_\_\_\_\_. *História da cultura mato-grossense*. Cuiabá, 1994.
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *O Processo histórico de Mato Grosso*. COSTA, Lourença; A. CARVALHO; Cathia M. C. Cuiabá: UFMT, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Revivendo Mato Grosso*. Cuiabá: SEDUC, 1997.

### **Sites**

Disponível em <http://www.treslagoas.ms.gov.br/view/ex-prefeitos>. Consultado em 14/03/2013.

Disponível em [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/filinto\\_muller](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/filinto_muller). Consultado em 13/03/2013. Consultado em 12/03/2013.

Disponível em <http://www2.camara.leg.br/deputados/pesquisa>. Consultado em 14/03/2013.

### **Entrevista**

Rosário Congro Neto; diretor do grupo RCN de Comunicação – Três Lagoas/MS.  
Realizada em 20/04/2013.